

D'uma política de transmissão em Psicanálise

Carlos Alberto Guedes Campos

Resumo:

Neste trabalho, investigo as especificidades de uma política de transmissão em Psicanálise e proponho um modo de sustentar o que seja ensino em Psicanálise. Destaco a inclusão de cada *um* psicanalista no enlace com a prática de ensino como necessidade estrutural e inerente ao campo da Psicanálise. Atravesso o período dos seminários de Lacan posteriores à proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola, na busca de passagens que apontem para uma política de transmissão e ensino, especialmente no contexto de uma escola de Psicanálise, enquanto comunidade de experiência.

Palavras-chave: Psicanálise, transmissão, ensino, escola.

Abstract:

In this paper, I investigate the specificities of a transmission policy in psychoanalysis and propose a way to sustain what can be education in psychoanalysis. Highlighting the inclusion of *each* psychoanalyst enlaced with the practice of teaching as a structural necessity and inherent to the field of psychoanalysis. I've worked through Lacan's seminars after his Proposition of October 9, in 1967 about the psychoanalyst in a school of psychoanalysis, searching passages that point to a policy of transmission and teaching, especially in the context of a school of psychoanalysis as a community of experience.

Keywords: psychoanalysis, transmission, education, school.

Considerações iniciais

Este ensaio se constrói com pontuações e comentários em torno da questão do haver *d'uma* (1) política compatível com o campo psicanalítico em suas especificidades e, especialmente, *d'uma* política de transmissão coerente com a ética do desejo. Aqui, viso contribuir para cernir alguns dos pontos em torno dos quais a comunidade de experiência, que é uma escola de Psicanálise, pode trabalhar por condições de possibilidade que sustentem a chance de que haja *d'o* psicanalista na polis.

Para tanto, através das indicações de Lacan, busco delinear uma noção de ensino que possa ter efeitos na experiência de escola e que seja compatível com um campo como o psicanalítico, em sua especificidade de inclusão do real, do desejo, da castração no cerne da experiência. Basicamente, minha visada é buscar, em Lacan, algumas razões e consequências desse uso forçado, que incluí no meu título, do partitivo *d'* na práxis psicanalítica, desde o *Y a d'l'un* ao há *d'o* analista, destacando aí, como consequência principal, as implicações dessa “descompletação” da ideia/imagem de que

· Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana, psicólogo, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

haja o psicanalista para o que há de singular no que se chama experiência de transmissão e de ensino em Psicanálise (que, nunca, por estrutura, pode ser ensino da Psicanálise, dado que não há d'Outro que permita o fechamento de um discurso). “Quais seriam os meios para que possa ser recolhido aquilo que, pelo processo desencadeado do ato analítico, é registrável de saber, aí está a questão do que é o ensinamento psicanalítico.” (2) (LACAN, inédito/1967, p.58).

Elegi, para iniciar sustentando que a Psicanálise não faz universo de conhecimento a ser ensinado (no sentido universitário) e nem permite a ideia de formatura do psicanalista, partes de trabalhos de Lacan que compreendem um período de seu ensino em que, tanto a formulação de uma lógica que sirva à Psicanálise quanto o uso do matema como elemento mínimo da transmissão ganham destaque progressivo: do Seminário XV ao Seminário XX. O percurso não foi previsto nem programado, mas reconhecido, *a posteriori*, como abrangendo um tempo, entre 1967 e 1973, em que tanto a construção dos discursos quanto a das lógicas da sexuação vão produzindo efeitos sobre a experiência de escola, e vão sofrendo efeitos da prática e da escola de Lacan – a École Freudienne de Paris.

Além disso, é um tempo do ensino de Lacan que se desenrola a partir da proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola, em paralelo, portanto, às experiências do passe e dos cartéis como estrutura de base. Esses efeitos de influência das experiências da escola sobre as formulações que vinham à luz nos seminários (e vice-versa) sugerem de saída e, simultaneamente, uma superfície moebiana e uma amarração borromeana quanto àquilo de que se trata na transmissão, como prática política de sustentação da causa analítica (em torno da experiência do inconsciente – do real), e como ato de trabalho em prol da manutenção do “descompletado” no campo psicanalítico, isto é, do Outro como um-a-menos – característica central de uma escola de Psicanálise, sustentada pelo laço de cada *um* psicanalista.

Do Um, na medida em que ali está, podemos supor, apenas para representar a solidão – o fato de que o Um não se amarra verdadeiramente com nada do que pareça o Outro sexual. Completamente em contrário à cadeia, cujos Uns são todos feitos da mesma maneira, de não serem outra coisa senão Um. (...) Como situar então a função do Outro? Como se, até certo ponto, é simplesmente em nós de Um que se baseia o que resta de qualquer linguagem quando ela se escreve, como colocar uma diferença? Pois é claro que o Outro não se adiciona ao Um. O Outro apenas se diferencia. Se há algo pelo que ele participa do Um, não é por adicioná-lo a si. Pois o Outro – como já disse, mas não há garantia de que vocês tenham ouvido – é o Um-a-menos.(3) LACAN, 1985/1973, p.174).

Lacan resume: o que define o analista é ser capaz do ato analítico; e prossegue: “Da natureza deste ato dependem consequências as mais sérias quanto ao que resulta da posição que se deve manter, para estar apto a exercê-lo.” (4) (LACAN 1967, inédito, p.22-23). Ainda no Seminário XV, a subversão do sujeito se define por uma conversão da posição que resulta do sujeito quanto a sua relação com o saber. O sujeito só é realizável em cada um, e sua determinação é fundada sobre esta ligação de significante a significante. Pode-se ler aí a antítese do que Lacan denunciou como característica do chamado (por ele) contexto americano; um contexto em que a liberdade de usar a cabeça e de poder dizer qualquer coisa se assenta na base de que o que conta é o que já está

ARTIGOS TEMÁTICOS

efetivamente estabelecido. Quando sociedades psicanalíticas se moldam nesse contexto, pode-se dizer que o de que se trata é de que nada do que se diga possa afetar nada do que está estabelecido.

O que serve bem para mostrar quão pouco pesa a incidência das escolas é o fato de que a ideia de que o saber possa constituir uma totalidade é, por assim dizer, imanente ao político como tal. Sabe-se disso há muito tempo. A ideia imaginária do todo, tal como é dada pelo corpo – como baseada na boa forma da satisfação, naquilo que, indo aos extremos, faz esfera –, foi sempre utilizada na política, pelo partido da pregação política. O que há de mais belo, mas também de menos aberto? E o que se parece mais com o fechamento da satisfação? A colusão dessa imagem com a ideia da satisfação, eis contra o quê temos que lutar cada vez que encontramos alguma coisa que faz nó no trabalho de que se trata, o do descobrimento pelas vias do inconsciente. É o obstáculo, o limite, ou melhor, é a névoa na qual perdemos a direção e nos vemos obstruídos. (5) (LACAN, 1992/1969, p.29)

Bem mais adiante, em *A terceira* (6), (LACAN 1974 [2009]) Lacan constrói um objeto moebiano de efeito poético e significativo que aponta para uma orientação ética em Psicanálise: *pensar com os pés*. Pensar com os pés é um modo de cada um analista escapar da obstrução. Pode traduzir-se por: trabalhar com a Psicanálise fora do campo do sentido, não pensar senão em ato. Freud não deixava de demonstrar os tropeços em seu percurso de construção da Psicanálise a partir das falhas que o verde da clínica oferecia e sustentava. Assim, o que limita a Psicanálise em relação a uma virtualidade funesta de se tornar um discurso sobre as coisas, um conhecimento qualquer – ciência, filosofia ou religião – é, antes de tudo, a clínica, pensada com os pés, movida por uma ética fora da representação e do sentido. Acrescento que é, principalmente, a clínica, mas também a escola; ambas oferecem função na sustentação do furo, do fracasso que a Psicanálise é, enquanto Psicanálise for.

Naquele mesmo discurso, Lacan produz um enunciado que pode ser, por sua enunciação, de cada um analista:

Socialmente, a psicanálise tem uma outra consistência que a dos outros discursos. Ela é um laço a dois. É nisso que ela se encontra no lugar da falta de relação sexual. Isso não basta de modo algum pra fazer dela um sintoma social já que uma relação sexual falta em todas as formas de sociedade. Isso está ligado à verdade que estrutura todo discurso. É exatamente por isso, aliás, que não há uma verdadeira sociedade fundada sobre o discurso psicanalítico. Há uma escola, que justamente não se define por ser uma sociedade. Ela se define pelo fato de que eu nela ensino alguma coisa. (LACAN, 2009/1974, p.6) *livre tradução do autor*.

É partindo destas pontuações que pretendo sustentar a noção de que uma escola de Psicanálise é, por estrutura, o lugar de cada psicanalista ensinar alguma coisa, sustentar seu ensino no laço com alguns outros. É claro que, assim, se produz uma noção muito singular de transmissão que se centra mais nos efeitos da análise (ou, no que desses efeitos passa) do que em conteúdos. Do *Seminário XVI – de um Outro ao outro*, extraí breves pontuações e referências que tocam a nossa questão da especificidade das práticas de transmissão e ensino em Psicanálise: é ali que Lacan

sustenta que a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala. Desse ponto de vista, pode-se depreender uma série de consequências que colocam o discurso psicanalítico como aquele que revela, através da experiência e do trabalho do inconsciente, que não existe um ponto de fechamento do discurso, não existe universo de discurso. Lacan parece indicar, ainda, que a noção de discurso sem fala orienta a direção ao matema como instrumento fundamental do ensino em Psicanálise: “(...) todo discurso que se coloca como essencialmente fundamentado na relação com outro significante é impossível de totalizar, seja de que maneira for, como discurso.” (7) (LACAN, 2008/1968, p.59).

Outras considerações

A escolha desse período, pós 67, não é aleatória em relação à questão de uma política que sirva para sustentar a relação com a causa analítica e que vise, portanto, o não-todo – em discordância com o princípio político esférico da satisfação, mencionado anteriormente. Além disso, retroajo sobre um percurso que venho traçando em diversos espaços e modalidades de trabalho com a Psicanálise nos últimos anos. Menciono esse tempo, e este recorte, enfatizando que importam mais pelos efeitos lógicos na minha experiência com a Psicanálise – por ter sido o tempo da produção de cortes e de mudanças de posição, a partir das quais posso lidar (ainda que pontualmente) com algo do que estava proposto pela Psicanálise, marcadamente na letra de Freud e Lacan, mas que surge, no só depois da experiência, como novidade – do que por sua temporalidade cronológica, no sentido do acúmulo de saber ou de experiência, que poderia ficar sugerido.

Portanto, este “ainda que pontualmente” mencionado acima não é sem efeito sobre a decisão de produzir este trabalho: o modo como posso perceber e articular alguns significantes em torno das questões que agora enfrento não me parece poder ser tomado como uma conquista definitiva, como algo conquistado em termos definitivos, nem acolhido na minha subjetividade de maneira perene. Nada garante a chance (no sentido do risco) de poder fazer passar em outro tempo qualquer, o que aqui pode vir a passar (modalidade do chiste que não me parece poder se resumir à experiência do passe), se o trabalho não for produzido agora. Ou seja, nem tempo nem saber acumulados, ou garantidos, no campo da Psicanálise.

O fim da psicanálise supõe uma certa realização da operação verdade, a saber, que, com efeito, se ele deve constituir este tipo de percurso que, do sujeito instalado em seu falso-ser lhe faz realizar algo de um pensamento que comporta o ‘eu não sou’, isso não se dá sem reencontrar, como convém, sob uma forma cruzada e invertida, seu lugar do mais verdadeiro, seu lugar sob a forma do ‘lá onde isso estava’, ao nível do ‘eu não sou’ que se encontra nesse objeto ‘a’, do qual me parece que nós fizemos bastante para dar a vocês o sentido e a prática e, por outro lado, essa falta que subsiste ao nível do sujeito natural, do sujeito do conhecimento, do falso-ser do sujeito; essa falta que, desde sempre, se define como essência do homem e que se chama o desejo, mas, que ao fim de uma análise, se traduz por essa coisa não somente formulada mas encarnada, que se chama a ‘castração’. (8) (LACAN, inédito/1968, p.87)

De muitos trabalhos anteriores, tomo restos e pedaços de saber pelas margens, assim, fica marcado meu reconhecimento ao ensino de diversos psicanalistas (9) que trabalharam permitindo tanto o fluxo descontínuo do furo de estrutura, quanto mais trabalho. De um trabalho anterior, retomo um resto anunciado: “trabalhar a partir das peripécias, dos contrassensos e dos paradoxos do encontro de um psicanalista com a transmissão da psicanálise, em seus trânsitos pelos discursos pode ser objeto de um próximo trabalho”. (CAMPOS, inédito) Quero mencionar que este trabalho é, em parte, produzido a partir dessa ideia de que, no percurso de formação, o aspirante a psicanalista se enlaça a partir de variados discursos na esperança de completude, que afinal não se realiza em nenhum deles.

Trata-se de articular uma lógica que, por mais frágil que pareça – minhas quatro letrinhas que não parecem nada, salvo que temos que saber as regras segundo as quais elas funcionam –, é ainda bastante forte para comportar aquilo que é o signo dessa força lógica, a saber a incompletude. Isso os faz rir. Mas tem uma consequência muito importante, especialmente para os revolucionários – é que nada é tudo. (10) (LACAN, 1992/1969, p.193)

Pedaços de saber são o tanto de saber que há

Se a neurose se caracteriza por uma posição – especialmente a partir da histericização que a própria experiência de análise produz – em que há sempre uma falha ou um resto a ser denunciado, reclamado como erro, como falta, em si mesmo ou no Outro; então, enquanto analisante, todo engajamento em um discurso é esperança de formação, com forma e formatura (no sentido da solução do desejo). No lugar disso, por outro lado, o encontro com *um* que sustente algo *d’o* analista, *um* que finja esquecer que é a causa do engajamento do sujeito no discurso sustentado pela Psicanálise via discurso histórico, pode tornar possível, na experiência com a Psicanálise (e, aqui, eu decido não limitar essa experiência à análise, incluindo a escola) realizar a falta como castração, isto é, passar por uma posição na qual a falta-a-ser é fato de estrutura e não acidente dramático ou armadilha do Destino.

As miragens imaginárias de completação, de “re-unificação” na passagem pelo 2 (que seria o supracitado encontro sexual com o Outro), miragens de correspondência, de relação, de proporção, de comunicação, enfim, de recuperação de um déficit no que é da ordem do gozo-a-menos imposto ao corpo pelo significante, caem quando o caminho não tem miragem de chegada, quando a escola não é mais instituição instituída (aliás, nem as Instituições que pretendem ser são, mas, não querem saber nada disso). Se eu disse que caem, pergunto: levantam-se de novo? Em *O saber do psicanalista*, Lacan pontua a lógica inerente ao percurso que vai do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo:

Aqui, só falo do saber e esclareço que não se trata da verdade sobre o saber mais do que do saber sobre a verdade, e que isto, o saber sobre a verdade, se articula em relação ao que articulo este ano sobre o “*y a d’lún*”. “*Y a d’l’un*” e nenhuma outra coisa, mas é um Um muito particular, o que separa o Um do Dois, é o que é um abismo. (11) (LACAN, inédito/1972, p.111) livre tradução do autor

Será importante buscar, de alguma forma, manter a posição que implica poder ocupar pontualmente a função de psicanalista? Lacan estava no contexto de repudiar o certificado, e a ideia de que era um psicanalista nato (carimbado), quando escreveu: “(...) não sou um poeta, mas um poema. E que se escreve, apesar de ter jeito de sujeito.” (12) (LACAN, 2003/1976, p.568). Talvez se escute aí algo da posição analisante, dita por Lacan várias vezes como sua posição frente à assistência e ao que é enunciado, por ele próprio, nos seminários. “Isso não é novo, já falei sobre isso, mas ninguém prestou atenção: o que constitui a originalidade deste ensino, e que os motiva a trazerem sua presença em massa, é exatamente o fato de alguém, a partir do discurso analítico, colocar-se em relação a vocês na posição de analisando.” (13) (LACAN, 2009/1971, p.11). O modo como toma sua própria “participação” no seminário, seu próprio ensino, pode estar apontando para uma compreensão do que seja ensino em Psicanálise: *um poema que se escreve* é marca de um trabalho que não cede quanto ao desejo – de uma posição analisante quanto ao real. Lacan não diz posição analisado, nem posição psicanalista e, assim, explicita uma posição que aponta para uma possível orientação d’uma política de transmissão em Psicanálise; aquela que remete novamente à posição de Freud ao valorizar o verde da clínica em detrimento do cinza da teoria.

Reinvenção da Psicanálise a cada atendimento não é um mandamento superegóico, não é um mandamento, muito menos um dogma; é, sim, uma enunciação ética que ajuda a cernir o vazio de estrutura que habita esse campo. Lacan se refere algumas vezes à metáfora do relâmpago e a outras que implicam luz e sombra, e adverte, algumas vezes, como quando trata da interpretação, que a luz é mais importante pela sombra que mantém do que por aquilo que revela. Remeto à letra dele:

Simplesmente não vejo porque eu falaria do nome do pai, posto que, de todo modo, onde ele se situa, quer dizer, no nível em que o saber tem função de verdade estamos condenados, falando propriamente – mesmo quanto a este ponto, ainda impreciso para nós, da relação entre o saber e a verdade -, a não poder denunciar o que quer que seja, saibamos disso, a não ser mediante um semi-dizer. Não sei se vocês percebem bem o alcance da coisa. Isso quer dizer que, se nesse campo dizemos algo de uma certa maneira, haverá uma outra parte desse mesmo dizer que vai se tornar absolutamente irreduzível, totalmente obscura. De sorte que, em suma, há um certo arbítrio, uma escolha que pode ser feita quanto ao que se trata de esclarecer. Já que não falo do nome do pai, isso me permitirá falar de outra coisa. (14) (LACAN, 1991/1970, p.102)

Assim, ao longo do trabalho, estou propondo a questão: podemos sustentar que a escola é o lugar de sustentar o ensino de cada *um*, na medida em que não se trata de ensinar um corpo esférico de conhecimento de Freud ou de Lacan? Coloco melhor a questão: se *um* psicanalista é sempre falta-a-ser O psicanalista, a noção de ensino que se sustenta na transmissão da Psicanálise tem a ver com o enlace de cada *um* na posição analisante do real?

O psicanalista é este Ser que *não-há*, que só existe, sem que isso solucione nada. Ainda que colocássemos Freud como único que pode ter havido, no lugar lógico da exceção, como pai mítico da Psicanálise, tomando-o como aquele que teria fundado uma lei e um limite aos quais Lacan se submeteu e aos quais cada psicanalista se submete – a lei de que sejamos freudianos; ainda assim, freudiano é significante fálico e, portanto, precário em termos de solução do que é um psicanalista,

assim como lacaniano ou como cada nome próprio ou outro significante qualquer da transferência –, freudiano para cada *um* analista é o osso do pai em torno do qual exercemos a falta-a-ser. Ainda assim, nesse esforço, elidiríamos o fato de que Freud nunca buscou extirpar a dimensão de fracasso e de impossibilidade da coisa psicanalítica. Causa a que Lacan aderiu em seu retorno a Freud. Nem eles nem nós podemos resolver o que é a Psicanálise.

Essa vereda pode, enfim, se traduzir na experiência de escola como lugar de sustentação de encontros com cada ensino de Psicanálise, com ensinamentos de cada *um* traduzindo-se em transmissão de sombras e de furos – e não das luzes de cada *um* – em seus efeitos sobre alguns outros. Fulgurante Lacan ao propor o cartel como estrutura de base da escola. Ressalte-se que isso só se sustenta, radicalmente, sem pretensão de estabilidade. E sem arriscar a degeneração da Psicanálise em religião, através do domínio do sentido. Lacan pontua na carta de dissolução: “A estabilidade da religião provém do fato de o sentido ser sempre religioso” (LACAN, 1980, p.45). Bem antes disso, Lacan arriscava uma “definição” do campo psicanalítico como aquele que não se define por nenhum sentido, por incluir a verdade de uma maneira muito específica:

Isso faz da luz parte do campo que se define como sendo o da verdade. Ora, ainda que ela tivesse um efeito eficaz no que criava opacidade, a luz como tal, difundida por esse campo a cada instante, projeta uma sombra, e é essa sombra que surte efeito. É por isso que sempre temos de interrogar essa verdade ela mesma, na sua estrutura de ficção. (15) (LACAN, 2009/1971, p.125)

Ocorre-me uma brincadeira, como forma de sustentar o que o partitivo francês indica em termos do efeito de sombra, com a língua portuguesa. Talvez servisse aproveitar o que essa língua nos dá: ao invés de ser usar o estar. “Políticas do estar em psicanálise”, podemos brincar. Ser aponta para o artigo definido: ser O poeta, O escritor, O ator, O homem, O psicanalista – que demandam ou que desejo pelo Outro, no lugar vazio do desejo dele, regulando as relações com objeto *a*, via fantasia. Estar psicanalista se parece mais com o *d’o* analista, *um* analista. Só estar; no campo do ensino e da transmissão da Psicanálise, onde o trabalho de cada um não seja caninamente fiel a nenhum sentido que possa ser depreendido de Freud, de Lacan ou de outro analista, para não ser infiel à Psicanálise. Aliás, desde Freud, não é isso que se espera de um psicanalista: fidelidade ao tecido do texto, rigidez, burocracia, repetição, infinitização da técnica em detrimento da ética – fidelidade, só à letra na experiência do inconsciente, ao significante em sua precariedade; e isso não se consegue por decisão, nem por acúmulo de saber ou de percurso, nem por decreto, mas só, talvez, ainda assim, sem garantia, por experiências em Psicanálise, atravessando trabalhos: de análise, no ensino e na transmissão, com os analisantes ou na supervisão.

Se o ato psicanalítico consiste em suportar a transferência até que a castração seja experiência subjetiva e não teoria, então, na escola, a transmissão em ato seria, a partir dos efeitos da castração, cada um suportar na transferência de trabalho, o enlace borromeano de nós e suas implicações, como parte das condições para que haja *d’o* psicanalista. Enlace de cada analista com seu nome, esvaziado de sentido, *S1*, na escola: “O *S1* é, entre todos os significantes, esse significante do qual não há significado, e que, quanto ao sentido simboliza seu fracasso”. (16) (LACAN, 1985/1973, p.107). O *um*, de cada *um* analista, enlaçado como rodinha de barbante na medida em

que “A dita rodinha é certamente a mais eminente representação do Um, no sentido em que ela encerra apenas um furo.” (17) (LACAN, 1985/1973, p.172-3).

Deste ponto de vista, os pedaços de saber que circulam e que se recolhe nas atividades cotidianas que produzimos numa escola precisam ser tomados numa lógica de não valorização de uns objetos sobre outros. Apontando nessa direção, Diana Rabinovich destaca o luto do Bem comum, uma possível, e desejável, consequência de um percurso em Psicanálise, comentando o retorno de Lacan a Sócrates:

O luto do psicanalista se funda no fato de que nesse campo, o campo do desejo do Outro, todos os objetos são incomensuráveis, carecem de medida comum. Fica claro que não se alude ao falo, que é precisamente, a medida comum, o comensurável. Esses objetos, que carecem de medida comum, valem para cada sujeito em particular – isso motiva a conclusão central de seu retorno obrigatório a Sócrates, indicam a inexistência de um bem supremo universalizante, comum a todos os sujeitos. Qual é o luto em jogo na aceitação da ausência de medida comum entre os objetos de desejo? O luto, articulado ao conceito de privação, é correlativo a um buraco no real; é, portanto, buraco, falta, falha no real. Assim, o analista deve fazer o luto, ou já o fez, por esse Bem supremo, único, que poderia ser compartilhado. Não existe, no nível do objeto, nenhuma fusão possível entre o psicanalista e seu paciente. O objeto é causa de desejo, definição que terá de levar ao exame da causalidade, central para definir o desejo do psicanalista. Implica, no caso do psicanalista, um saber acerca do que carece de medida comum, acerca do valor do incomensurável na causação do desejo. (RABINOVICH, 2000, p.16-17)

Considerações meio finais

Esse período de sustentação dos seminários de Lacan, de onde extraio os fragmentos que orientaram minhas considerações, do Seminário XV – O ato psicanalítico ao Seminário XX – mais...ainda, foi também o tempo de um corte produzido pela mudança de lugar onde se acolhia os seminários: da Escola Normal Superior para a Escola de Direito. Lacan sempre tomou e interpretou esses cortes por seus efeitos sobre o ensino. Os dois últimos anos de seminário na escola normal superior, Lacan os designou como o tempo em que se percebeu que o que ele dizia era um ensino. Foi o tempo do Seminário XV e do Seminário XVI.

Do Seminário XV - O ato psicanalítico, destacamos a insistência de Lacan em estranhar a presença de pessoas não orientadas para a Psicanálise em seu seminário. Na lição de 15 de novembro de 1967, aparece: “(...) A psicanálise, isso faz alguma coisa” (LACAN, inédito/1967, p.3), e ele acrescenta que assim como a poesia, mas não no nível da poesia; Lacan pergunta: o que faz a poesia ao poeta (E o que faz a psicanálise ao analista?). Lacan diz muitas vezes que, nos seminários, se trata de um discurso que se dirige essencialmente aos psicanalistas, e acrescenta: “(...) os que vêm de modo geral, vêm porque têm a impressão de que aqui se enuncia algo que bem que poderia – quem sabe? – ter consequências.” (18) (LACAN, inédito/1967, p.22). Isso por oposição ao ensinamento de faculdade, apontado como aquele que é apresentado de forma tal que não leve a consequências.

O Seminário XVII inaugurou o tempo da acolhida na Faculdade de Direito da Escola de Altos Estudos, que Lacan afirma que deveria ser o tempo mais importante – tempo de pegar a

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iii/artigos-tematicos/5-d-uma-politica-de-transmissao-em-psicanalise.pdf>

Psicanálise pelo avesso e de lhe dar um estatuto, no sentido do Direito. Daí se pode depreender a própria identificação dos discursos, sob a forma do matema, como calcada na impossibilidade de totalização do saber. “Não esperem portanto de meu discurso nada de mais subversivo do que não pretender a solução.” (19) (LACAN, 1992/1970, p.66).

Ainda do Seminário XVII, uma indicação que pode contribuir para modificar nossa relação com os pedaços de saber de Freud e Lacan (e de alguns outros): “(...) fazer com que seja compreendido, gostaria que vocês escutassem o seguinte – é que, na medida em que logre, em que consiga fazer entendê-los alguma coisa, podem estar certos de que os terei sacaneado. Pois em suma é a isso que se limita.” (20) (LACAN, 1992/1970, p.157). Marca explícita de um ensino original, e que exige originalidade e trabalho, na medida em que não se sustenta como ordenamento de conhecimento, mas sim como ato (analítico, na transferência) – saber em posição de verdade. No Seminário XVIII encontramos: “É preciso que eu lhes diga isto, já que, em suma vocês não o entenderam: o discurso do analista não é outra coisa senão a lógica da ação.” (21) (LACAN, 2009/1971, p.57). Como essa lógica da ação se traduz na escola, quando a escola não finge que a relação sexual existe? Sobre isso um excerto do Seminário XIX... ou pior:

(...) perceber que o Um, quando é verídico, quando diz o que tem para dizer, vemos aonde isto leva, em todo caso, à total recusa de qualquer relação com o ser. Há apenas uma coisa que se sobressai quando ele se articula, é exatamente esta, não há dois. Eu disse a vocês, é um dizer. E realmente, vocês podem encontrar assim, ao alcance da mão, a confirmação do que digo, quando digo que a verdade pode apenas se semi-dizer; porque vocês só precisam quebrar a fórmula. Para dizer isto, ele só pode dizer ou *há* [*y en a*], como digo *Yad’lun*, ou então *não dois* [*pas deux*], o que se interpreta, é imediatamente interpretado por nós, não há relação sexual. (22) (LACAN, inédito/1972, p.128-9)

É daí que partimos em Psicanálise e é aí que chegamos pela análise: *Não há relação sexual*. Enquanto haveria de haver, em algum ponto, a relação sexual, o nome próprio, dado por direito e a ser conquistado por dever: GOZA! O nome, que diz tanto na neurose (mas que nunca diz tudo!), que diz tanto enquanto se sustenta a lógica do autor: esperança de ser, de identidade e de obra. Ele, o horizonte de miragem auditiva de sua majestade o bebê, reduz-se pela análise a significante, na demanda de se estreitar com o analista, último recurso, só se estreita como S1. S1 que não diz nada enquanto pura significância, “redução” ao nome antes do momento do “aqui jaz” e fora da lógica da relação com o desejo, via fantasia, como deriva ou como horror. É com esse S1, um nome de cada *um*, amarrado e esticado que a gente enlaça nossa rodinha de barbante numa escola.

Ser poeta, nem todos podem, eu não posso, mas estar na direção do *Ser poema*, do estar analista, isso nos é oferecido – enquanto houver *d’o* analista. Parece-me que não é sem a escola que a clareza de que não estamos na Psicanálise para preservar nenhuma obra sob um facho obsessivo de luz, nem para alcançar nenhuma iluminação, pode se sustentar. Se, vez por outra, relâmpago há, é de se notar: relâmpago produz, afinal, mais sombra do que luz, isso talvez tenha causa e certamente consequências. *Poensar* com os pés foi um lapso de escrita, que surgiu no início deste escrito e que eu decido sustentar. Não porque a palavra é bonita, nem pelo que ela significa. Mas, sim, pelo que porta de insignificante, de precária, porque, assim, mais afastada de sentido pode ser mais um

significante na função de projetar sua sombra, e é assim que o significante pode apontar uma direção ética e ter lugar privilegiado na transmissão e no ensino da Psicanálise.

Notas:

1. Com este uso forçado do partitivo, que não há em português, aponto para a noção de que, em Psicanálise, não há nada que constitua universo de discurso (nem *standard*), logo, o um é sempre menos-que-um, por não ser todo, nem inteiro, nem esférico, nem fechado. Ao longo do texto, trago algumas noções que esclarecem melhor este ponto.
2. *O ato psicanalítico*, lição de 29 de novembro de 1967.
3. *Mais, ainda*, lição de 15 de maio de 1973.
4. *O ato psicanalítico*, lição de 22 de novembro de 1967.
5. *O Averso da Psicanálise*, lição de 17 de dezembro de 1969.
6. 1º de novembro de 1974.
7. *De um Outro ao outro*, lição de 27 de novembro de 1968.
8. *O ato psicanalítico*, lição de 10 de janeiro de 1968.
9. Ainda que sob o risco de faltar com alguma referência menciono especialmente os diversos companheiros dos cartéis e seminários que frequento na Escola Letra Freudiana e, também, alguns psicanalistas de fora da escola que marcam meu percurso: Luciano Elia, Betty Fuks, Fernanda Costa-Moura, Alain Didier-Weill e Marco Antonio Coutinho Jorge.
10. *O avesso da psicanálise*, lição de 3 de dezembro de 1969.
11. *O saber do psicanalista*, lição de 1º de junho de 1972.
12. Prefácio à edição inglesa do seminário XI, 17 de maio de 1976.
13. *De um discurso que não fosse semblante*, lição de 13 de janeiro de 1971.
14. *O avesso da Psicanálise*, lição de 11 de março de 1970.
15. *De um discurso que não fosse do semblante*, lição de 19 de maio de 1971.
16. *Mais, ainda*, lição de 13 de março de 1973.
17. *Mais, ainda*, lição de 15 de maio de 1973.
18. *O ato psicanalítico*, em 22 de novembro de 1967.
19. *O avesso da Psicanálise*, lição de 11 de fevereiro de 1970.
20. *O avesso da Psicanálise*, lição de 10 de junho de 1970.
21. *De um discurso que não fosse semblante*, lição de 17 de fevereiro de 1971.
22. *...ou pior*, lição de 17 de maio de 1972.

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, C. Supereu e lalangue na clínica psicanalítica, In: *Letra Freudiana, escola, psicanálise e transmissão*. Inédito (no prelo).

LACAN, J. (1967-1968). *Seminário XV: O Ato Psicanalítico*. Inédito.

_____. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In: *Letra Freudiana, escola, psicanálise e transmissão: Documentos para uma Escola*. Ano I – no. 0. Circulação interna, p.29-42

_____. (1972-1973). *O Seminário: Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: JZE, 1985.

_____. (1969-1970). *O Seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1992.

_____. (1974). La troisième. Disponível em: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/troisiem.htm> Acessado em: 18 de março de 2009.

_____. (1968-1969). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: JZE, 2008.

_____. (1971-1972). *Le savoir du psychanalyste, entretiens de sainte Anne*. Inédito

_____. (1971). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: JZE, 2009.

ARTIGOS TEMÁTICOS

_____ (1980). Carta de dissolução. In: *Letra Freudiana, escola, psicanálise e transmissão: Documentos para uma Escola*. Ano I – no. 0. Circulação interna, p.45-46

_____ (1971-1972). *Seminário XIX: ...ou pior*. Inédito

_____ (1976). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” in: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003.

RABINOVICH, D.S. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

Recebido em: 20 de maio de 2011.

Aprovado em: 30 de maio de 2011.